

Editorial

Às leitoras,
Aos leitores,

Nesta primeira edição do ano, a revista *Comunicação & Sociedade*, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PósCom), da Universidade Metodista de São Paulo, traz mais uma seleção de artigos assinados por pesquisadores e pesquisadoras de diversas regiões, reafirmando o compromisso de C&S com a pluralidade de vozes do campo da Comunicação.

O volume 43, número 1 de C&S, se abre com *O lugar da produção audiovisual publicitária brasileira no campo global: uma análise a partir do Cannes Lions Festival*, de Tatiana Aneas, da Universidade Federal de Sergipe. O artigo busca compreender o lugar da produção publicitária audiovisual brasileira no campo global, considerando suas relações com os mercados dominantes, mapeando as agências brasileiras que são internacionalmente reconhecidas, utilizando como parâmetro a performance destas empresas na categoria *Film* do *Cannes Lions Festival*. A autora conclui que as produções brasileiras premiadas crescem ao longo das décadas, ao passo em que o mercado mundial se concentra em grandes conglomerados de comunicação. Além disso, nota que os filmes brasileiros que chegam a ser premiados se assemelham

progressivamente aos padrões técnico-estilísticos da publicidade criada pelos países dominantes neste espaço, sobretudo o padrão estadunidense.

A seguir, Eduardo Vicente (Universidade de São Paulo) reflete sobre um importante momento de efervescência cultural e abertura política que teve lugar no país em *A vanguarda está no rádio: cultura e engajamento na São Paulo da virada 70/80*. A análise é realizada a partir da cidade de São Paulo e numa perspectiva que busca privilegiar o papel das emissoras de rádio nas estratégias de atuação de produtores independentes, especialmente daqueles vinculados às áreas de música popular e teatro. O trabalho se baseou principalmente em entrevistas com realizadores do período, pesquisa bibliográfica e consulta a acervos físicos e digitais. Sua conclusão é a de que, apesar dos avanços obtidos no período, o espaço de autonomia e experimentação desses agentes teve claras limitações nos anos subseqüentes, especialmente num cenário de forte concentração econômica como o do rádio.

O terceiro artigo é "*A narrativa ideal seria ir além de uma grande reportagem*": *Conceitos e características do livro-reportagem brasileiro*, de Alexandre Zarate Maciel, docente da Universidade Federal do Maranhão. O autor busca estabelecer um resumo do estado da arte da conceituação do livro-reportagem produzido no Brasil, bem como apresentar e debater as principais características que definem as suas formas peculiares de produção. O texto apresenta os conceitos de pesquisadores que se dedicaram a entender o livro-reportagem brasileiro em suas teses de doutorado, como Lima (2009), Rogê Ferreira (1994), Catalão (2010) e Vilas Boas (2006), aliados aos depoimentos

de jornalistas escritores como Fernando Morais, Ruy Castro, Zuenir Ventura e Daniela Arbex, entrevistados por Autor (2018) a partir do método da entrevista em profundidade. Conclui que os jornalistas autores de livros-reportagem trabalham de forma mais autônoma, com rotinas produtivas diferentes das tradicionais em redações e buscam produzir livros que debatem os temas e personagens contemporâneos brasileiros.

O artigo seguinte é *Produção audiovisual indígena no Brasil: cartografia de um percurso* de Gilson Costa e Dolores Galindo, ambos da Universidade Federal de Mato Grosso, que apresentam um percurso cartográfico sobre o advento da mídia indígena, dando relevo ao uso da produção audiovisual enquanto subterfúgio relevante no processo contínuo de resistência e luta pela aquisição e garantia de direitos. Os autores ponderam que a popularização e o acesso a novos mecanismos de comunicabilidade possibilitaram que um crescente número de indivíduos e coletivos pudesse produzir, trocar e disseminar conteúdos. Para os povos indígenas, a apropriação dos meios de comunicação, sobretudo os de produção audiovisual, emergem como canais expressivos para a preservação da memória coletiva e autodeterminação.

No artigo *Brasil na primeira página: uma análise da cobertura dos sites dos principais jornais da América do Sul sobre a eleição de Jair Bolsonaro em 2018*, Eduardo Ritter, da Universidade Federal de Pelotas, analisa como nove diferentes diários latino-americanos ecoaram abordagens relativamente próximas ao tratar da vitória do presidente nesse processo eleitoral. Por meio da análise de conteúdo, é possível identificar confluências nos relatos publicados online pelos jornais da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Pa-

raguai, Peru, Uruguai e Venezuela. O texto destaca que a maioria das notícias analisadas apresentava temas e perspectivas bastante semelhantes e pouco críticas, sugerindo que esse processo de pasteurização do noticiário internacional reflete uma persistente dependência de despachos de agências de notícias internacionais que não refletem necessariamente os interesses dos leitores locais.

As pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Danielle Oliveira da Nóbrega e Erika dos Reis Gusmão Andrade discutem as fronteiras entre os conhecimentos científicos e os saberes cotidianos no trabalho *Teoria das representações sociais e racionalidades distintas: tensionamentos e sínteses entre a ciência e o senso comum*. A revisão crítica de pesquisas que incorporam os conceitos de Serge Moscovici nas fronteiras entre o campo de estudos da psicologia e da comunicação abre espaço para uma reflexão sobre os processos de influências recíprocas entre a ciência e o senso comum: ao mesmo tempo em que a racionalidade científica procura romper e questionar os saberes práticos, os resultados das pesquisas acadêmicas também passam por um processo de apropriação e difusão pela sociedade, em um fluxo dialógico no qual a comunicação tem papel central.

A socialização das pesquisas científicas também é o foco do artigo *Teoría y práctica de la comunicación: validación de la escala de Producción y difusión científica de la comunicación – el caso de la Universidad de Sonora, México*, produzido pelos pesquisadores mexicanos Gustavo Adolfo León Duarte, Carlos René Contreras Cázarez e Erika Carolina Menezes Jurado. Por meio de questionário entre pesquisadores nos cursos de graduação e pós-graduação em

ciências da comunicação na Universidad de Sonora, no México, os autores identificaram o valor atribuído à pesquisa básica como instrumento formador dos docentes e discentes. Ainda assim, parte dos participantes da pesquisa indicam resistências à produção e até mesmo à adoção de pesquisas acadêmicas e materiais de difusão científica em seus cursos, prática problemática que reflete o número considerável de docentes e discentes que não participam ativamente de redes de pesquisa e, com isso, não conseguem alinhar suas responsabilidades formativas com a pesquisa de ponta.

No último artigo desta edição, *Expressão individual no mundo do trabalho: entre a liberdade e a regra*, Fernando Felício Pachi Filho Correio, da Faculdade de Tecnologia Termomecânica, analisa a percepção de grupo de trabalhadores sobre os limites impostos à liberdade de expressão por regimentos e códigos próprios do ambiente corporativo. A pesquisa aponta uma percepção difusa sobre quais tópicos devem ser evitados, como divergências com posicionamentos ou valores da empresa, apesar de não haver muita clareza entre os trabalhadores sobre quais seriam essas regras. É considerável também a autocensura, mesmo quando há percepção de controles pouco rígidos. Isso ocorre, por exemplo, na discussão de temas polêmicos ou na expressão de preferências estéticas, como cortes de cabelo, tatuagens ou adereços. Nesses casos, apesar de haver uma impressão predominante de que a liberdade de expressão poderia ser teoricamente respeitada, procura-se evitar provocações, conformando-se a expectativas nem sempre explicitadas.

Este número inclui ainda uma entrevista com John S. Bak, pesquisador de Jornalismo Literário da Universidade de Lorraine, na França, realizada por Felipe Mateus, Lilian Martins e Mateus Yuri Passos. Nela, Bak discute o contexto da criação da IALJS, a Associação Internacional de Estudos em Jornalismo Literário, os desafios de mapeamento do Jornalismo Literário ao redor do mundo e sua introdução em meio digital.

Por fim, apresentamos "O feminismo que representa", resenha de João Santos da Silva Júnior (Universidade Estadual da Bahia) sobre *Feminismo para os 99%*, de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattacharya e Nancy Fraser.

Este grupo de artigos são uma amostra representativa de que a reflexão acadêmica qualificada persiste, mesmo considerando as dificuldades da atual crise sanitária vivida globalmente nos últimos meses. Se a produção científica já apresentava desafios crescentes nos últimos anos, o período recente trouxe obstáculos que pareciam tão intransponíveis quanto inimagináveis. Nesse sentido, é ainda mais importante destacar que o processo editorial de um periódico acadêmico é um trabalho essencialmente coletivo, e por isso gostaríamos de agradecer todos os envolvidos na produção de nossa revista, incluindo os autores citados anteriormente, nossos bolsistas que fazem parte da equipe editorial da revista e os pareceristas que contribuíram com a avaliação e o aprimoramento dos originais submetidos. Sem eles e vocês, nossos leitores qualificados, seria impossível continuar.

Boa leitura!

Equipe editorial